

**Memória e trauma na zona de combate: uma abordagem literária da guerra do Vietnã**Fabrício Paiva Araújo<sup>1</sup>**RESUMO**

Esse artigo analisa o relato autobiográfico escrito por Ron Kovic em *Born on the Fourth of July* (Nascido em 4 de julho). Pretende-se investigar como se dá a representação das experiências de Kovic como veterano da guerra do Vietnã e entender se tal representação teve resultados significativos em sua vida. A representação dessas experiências tem maior foco na hostilidade que se passa no pós-guerra nos Estados Unidos do que durante a guerra no Vietnã. Minha atenção se volta para os motivos que levaram Kovic a escrever sobre suas memórias traumáticas, assim como a tensão que se dá, na narrativa, entre fato e ficção. O soldado escritor, o pós-guerra e a vergonha, serão os assuntos principais abordados nesse artigo.

**Palavras-chave:** Guerra do Vietnã. Literatura de Guerra. Pós-guerra. Memória. Trauma

“Uma verdadeira história de guerra nunca é moral.”  
(O’Brien, 2009, p.65)

Os principais motivos que levaram o veterano Ron Kovic a escrever sobre suas experiências de guerra e o significado de seu relato traumático é o que se procura entender no decorrer deste artigo<sup>2</sup>. Portanto, a tensão entre fato e ficção relatada em sua autobiografia pode ser vista como um fator marcante nas discussões relacionadas às suas experiências durante a guerra e no período pós-guerra, assim como no processo traumático que ele se submeteu para compor sua narrativa. Uma das razões que faz com que a obra desse soldado escritor seja única é o fato de que as experiências vividas no Vietnã misturam-se constantemente com as experiências pessoais vividas no pós-guerra. Tudo o que Kovic viu, viveu e sofreu por causa do intenso e longo combate no Vietnã, se transformou de alguma forma, no relato de suas memórias traumáticas. Mesmo que a veracidade de sua narrativa corra o risco de ser contestada, o que importa é o fato de Kovic ter narrado o que ele vivenciou por causa da guerra. O momento histórico vivido por Kovic durante o período de guerra e a literatura que ele produziu como resultado desse conflito militar não pode ser ignorado, pois sua

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos de Linguagem pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Mestre em Letras: Estudos Literários, área de concentração Literaturas de Expressão Inglesa, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Língua Inglesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Membro do Núcleo de Estudos de Guerra e Literatura (NEGUE - UFMG).

<sup>2</sup> Todas as citações desse artigo foram traduzidas pelo autor.

produção literária pode ser vista, dentre outras perspectivas, como a representação de suas memórias traumáticas. Sendo assim, entende-se melhor a obra de Kovic quando história e literatura trabalham juntas. Em termos gerais, as experiências dos americanos que combateram no Vietnã são bem parecidas, mas existem particularidades, fatos que pertencem unicamente a cada um deles.

A maneira como a obra de Kovic é escrita, traz uma abordagem pós-moderna da representação da história, pois os eventos não são narrados em um progresso linear, mas em caráter de urgência. Por isso é importante pensar no relacionamento entre história e literatura:

quando história e literatura trabalham juntas, os conceitos já estabelecidos sobre história e literatura ficam abalados. A história passa a ser vista com um sentido mais amplo e não somente no que diz respeito a fatos e eventos cronológicos, mas como uma descrição mais abrangente da realidade humana, levantando assim, questões de interesses antropológico e sociológico, assim como as questões já levantadas por historiadores tradicionais. (THOMAS, 1991, p. 226).

Thomas entende que uma obra de arte é um tipo de “documento histórico” e que a literatura abrange interesses que vão além da antropologia e revela as tendências verdadeiras da história. Por outro lado, críticos têm questionado se “a veracidade dos fatos históricos pode ser puramente e objetivamente conhecida. É menos provável que eles vejam a história como sendo linear e progressiva do que sendo desenvolvida em direção ao presente” (THOMAS, 1991, p. 228).

Quando literatura e história trabalham juntas, a noção sólida dos seus conceitos é desestabilizada. A intercessão entre literatura e história sugere um “novo” conceito que envolve a “transferência do interesse literário da própria obra literária para a obra literária compreendida pelo contexto histórico” (CULLER, 2000, p. 288). Portanto, o texto histórico caracteriza a história extensivamente, não apenas como um relato dos fatos e eventos, mas também para explicar o comportamento humano e o contexto no qual esse comportamento está inserido. Consequentemente, o texto se torna não apenas significativo para o leitor, mas também interessante.

Além de complexo, vários são os motivos que levaram os veteranos do Vietnã a escreverem sobre suas experiências de guerra. Loren Baritz, historiador e professor da Universidade de Massachusetts, em seu livro sobre a guerra do Vietnã, *Backfire*, argumenta que ele escreve sobre o Vietnã para “esclarecer a cultura americana” (BARITZ, 1985, p. 11). Baritz assume que a guerra do Vietnã abrange aspectos que mostram como os americanos pensam e agem. Sua obra aborda os mitos da cultura americana e expõe as ilusões nacionais, como por exemplo, a convicção da supremacia moral, a suposição de que os americanos são mais idealistas do que outras pessoas e a fé em uma tecnologia que supostamente os faz invencíveis. Ele também revela como a guerra do

Vietnã mudou a cultura norte-americana, com os sucessos e fracassos da burocracia Washington para a destruição do código militar tradicional de honra.

O interesse dos veteranos em escrever sobre o que eles vivenciaram durante o período de guerra é maior do que apenas registrar o período histórico da guerra. O relato de suas experiências de guerra, seja ficção ou não, vai além da compreensão daqueles – jornalistas e a imprensa em geral – que não estiveram diretamente envolvidos com a guerra do Vietnã. Muitos soldados clamam que eles são os únicos que realmente podem nos dizer o significado de ser atormentado pelas memórias traumáticas geradas pela guerra. Ron Kovic, por exemplo, serviu o exército americano, no Vietnã, como fuzileiro por dois anos. Após ser baleado em 1968, Kovic teve seu corpo paralisado da cintura para baixo, desde então, precisa de uma cadeira de rodas para se locomover. Em seu clássico romance anti-guerra, *Born on the Fourth of July*, Kovic declara esperançoso alguns motivos que o levou a escrever sobre a guerra: “Eu quero que as pessoas saibam o que realmente significa estar numa guerra – levar um tiro e se ferir, ter que lutar pela minha vida debaixo de um tiroteio intenso – e não o mito que nós crescemos acreditando.” (KOVIC, 1976, p.3). Kovic usa sua escrita para ensinar as pessoas sobre a verdade que se esconde por trás da guerra e também para mostrar o quão destrutivas as consequências da guerra podem ser. Ele entende que a nação americana é de alguma forma manipulada por um mito que persuade os americanos a apoiar a guerra, como se ela fosse necessária, um dever que tem que ser feito pelo bem da humanidade. Baritz afirma que esse mito está de alguma forma, intrínseco na cultura americana, ele explica que:

Os americanos acreditam instintivamente, que eles foram escolhidos para liderar o mundo moralmente e instruí-lo nas virtudes políticas. Eles acreditam que é um ato de bondade, um dever destruir todos aqueles que se opõem a liberdade e são inimigos da virtude e de Deus. (BARITZ, 1985, p. 27).

Segundo Baritz, os americanos são educados e induzidos a acreditar que apoiar os Estados Unidos e suas guerras é uma atitude virtuosa. Apoiar a nação americana demonstra patriotismo e fé. Se voluntariar para guerra é uma questão de honra e orgulho. A obra de Kovic nos leva a entender a força do patriotismo na vida dos soldados americanos, que acreditam que depois de terem doado e ariscado suas vidas em combates para defender a América, ao retornar para a casa, sua nação irá se preocupar e cuidar de suas necessidades e seu futuro. Porém, as experiências vividas por Kovic e outros veteranos mostram outra realidade. Kovic escreve para tentar convencer os americanos da necessidade de repensar os conceitos que lhes foram impostos, alertando-os sobre o mito da guerra,

a forma de pensar e sentir a guerra. O mito imposto aos americanos é baseado em interesses que favorecem apenas aqueles que controlam a guerra e não a nação americana como um todo. De acordo com Kovic, “O governo americano defende uma política de engano, distorção, manipulação e negação, fazendo tudo o que pode para esconder do povo americano as suas verdadeiras intenções” (KOVIC, 1976, p. 3). A esperança de Kovic ao relatar suas experiências é ajudar os veteranos e os Estados Unidos a se conscientizarem do engano e da ilusão imposta pelo seu governo, assim como, fazer com que os americanos entendam as razões que os levaram a acreditar em tal mito. Assim, um dos propósitos de Kovic em escrever sobre a guerra terá uma função significativa.

Antes de Kovic retornar para casa ele estava servindo como fuzileiro no Vietnã pela segunda vez. Logo depois de ser baleado em combate ele escreve a respeito de seu tratamento no acampamento do batalhão. Quando ele escreve estas cartas, suas razões para escrever eram completamente diferentes, ele ainda não tinha que lidar com a realidade do pós-guerra. O mito americano em que um dia ele acreditou ainda estava encravado na sua mente e no seu coração e era esse mito que o instigava a continuar lutando por sua pátria. Deitado na cama do hospital militar improvisado no Vietnã, ele escreve:

Estou neste lugar por sete dias e sete noites. Escrevo meus rascunhos em um papel para dizer, a mim mesmo, repetidas vezes, que eu vou sair deste lugar e que eu vou viver. Eu aperto bolas de borracha com as mãos para tentar ficar forte novamente. Eu escrevo cartas para o meu pai e minha mãe, eu as dito para uma mulher chamada Lucy, que está com a U.S.O.<sup>3</sup> Eu falo para o meu pai e para minha mãe que eu estou muito machucado, mas que eu fiz isso pela América e que isso vale a pena. Eu falo para eles não se preocuparem. Eu estarei em casa logo. (KOVIC, 1976, p. 26)

Nesta passagem, Kovic declara pra si mesmo, através de sua escrita, que ele espera se livrar da péssima situação em que ele se encontra. Ele quer viver e ele luta por isso, acreditando que as coisas estão sob controle e que não há motivo algum para se preocupar. Quando Kovic escreve seus rascunhos no papel, ele está deliberadamente tentando se livrar da dor física e psicológica da guerra.

Em sua análise sobre os veteranos do Vietnã, Appy explica que durante a guerra, muitos soldados usavam as áreas relativamente seguras dos acampamentos para tentar refletir um pouco sobre o que estava acontecendo no Vietnã. Para descansar a mente do fardo físico e psíquico imposto pela guerra, “muitos soldados ouviam música, bebiam cerveja, escreviam cartas e faziam

---

<sup>3</sup> The United Service Organization Inc. (USO) é uma organização privada e sem fins lucrativos que providencia serviços que contribuem com a reintegração moral e recreativa dos militares americanos.

outras atividades diversas” (APPY, 1993, p. 207). Portanto, a área de acampamento do batalhão foi o lugar que iniciou Kovic como escritor da guerra do Vietnã e onde a realidade da guerra começou a se misturar com o trauma de ser inválido pelo resto de sua vida. Mesmo assim, naquele momento Kovic acreditava que ele havia cumprido sua obrigação, não existia razão para ele ficar pensando em possíveis situações problemáticas ou qualquer outra coisa que poderia cooperar para piorar a situação na qual ele se encontrava.

Depois de estar severamente machucado, Kovic retorna pra casa aleijado pensando que iria morrer logo. Então ele decide escrever sobre o que vivenciou durante o período da guerra. Ele entende que sua escrita é uma forma de registrar o que viu e viveu como um combatente da guerra do Vietnã. Como ele mesmo explica: “Eu trabalhei com intensidade e fúria, como se isso fosse meu último desejo e testamento e de muitas maneiras eu senti que era” (KOVIC, 1976, p. 16). Kovic escreve sobre suas experiências na guerra do Vietnã para mostrar que ele não era apenas mais uma vítima, mas alguém que está tentando superar e ir além da tragédia terrível e da injustiça causada pela guerra. A autobiografia de Kovic é o registro das memórias traumáticas herdadas na guerra do Vietnã. A guerra foi um período muito difícil na vida desse jovem escritor do trauma e conseqüentemente ele viveu experiências horrendas, não apenas no campo de batalha, mas principalmente quando ele retornou para casa, onde sua dor e tristeza se agravaram interruptamente.

Em sua obra, Kovic revela sua luta em ver um mundo sem guerras. Seu romance é uma tentativa de dizer não para a insanidade e a loucura que são geradas pelas guerras. Por isso, Kovic também direciona sua narrativa para os veteranos do Vietnã:

Já faz algum tempo que muitos de nós prometemos que nunca iríamos permitir que o que aconteceu com a gente no Vietnã se repetisse. Nós temos a obrigação, a responsabilidade como cidadãos, como americanos, como seres humanos, de levantar as nossas vozes em protesto. Nós nunca poderemos esquecer os hospitais, o tratamento intensivo, os feridos a nossa volta lutando pra sobreviver, aqueles longos e dolorosos anos depois que voltamos pra casa e as noites de solidão. Tinham vidas para serem salvas dos dois lados, homens e mulheres jovens que foram desfigurados e mutilados, mães e pais que perderam seus filhos e filhas, esposas e pessoas amadas que sofrerão por décadas se nós não fizermos tudo o que estiver ao nosso alcance para parar o que impulsiona esse momento de loucura. (KOVIC, 1976, p. 22)

Agora Kovic escreve para protestar, para declarar firmemente e enfaticamente sua objeção pela guerra. Ele escreve para afirmar sua total desaprovação desse ato de destruição em massa. Ele escreve para se sentir vivo e inspirar outros a protestar em favor da paz. Os relatos de Kovic funcionam como armas que lutam não apenas contra a guerra do Vietnã, mas qualquer outra guerra,

pois as consequências desastrosas das guerras são semelhantes. Para amenizar as consequências da guerra e tentar evitar que o pior se repita, Kovic protesta e escreve sobre as causas que os levaram a lutar no Vietnã. Denunciar os ultrajes que levaram os veteranos a se envolverem na guerra, se torna nas palavras de Kovic, uma “responsabilidade” e uma “obrigação” (KOVIC, 1976, p. 22). Em março de 2005, em uma de suas atividades contra a guerra, Kovic declarou:

A cicatriz estará sempre aqui, uma recordação viva da guerra, mas ela agora se tornou algo bonito, algo de esperança, fé e amor. Eu tive a oportunidade de sair das trevas da alma e ir para outro lugar e ganhar entendimento, conhecimento e ver a vida completamente diferente. Hoje eu entendo que sofri por uma causa e achei uma razão para viver no meu compromisso com a paz. Minha vida tem sido uma benção, até mesmo com a dor e a grande dificuldade causada pela minha deficiência física. É uma benção poder falar em nome da paz e alcançar um número tão grande de pessoas<sup>4</sup>.

Muitos anos se passaram desde que a guerra do Vietnã terminou, mesmo assim, Kovic não parou de protestar e escrever contra as guerras americanas. Sua luta continua e tem inspirado outros veteranos e civis a abraçar sua causa. Assim como Kovic, muitos outros veteranos se engajaram em protestos contra as guerras americanas e decidiram revelar os crimes que eles foram treinados para cometer. Em 1971, quase no final da guerra, o veterano da guerra do Vietnã e primeiro tenente William Crandell, da 199ª infantaria da brigada *Light* da divisão americana, entendeu sua responsabilidade e obrigação. Em sua declaração aberta durante a audiência conhecida como *Winter Soldier Investigation*<sup>5</sup>, Crandell e muitos outros veteranos expressaram suas dores:

Nós pretendemos dizer quem nos deu aquelas ordens; quem criou a política e estabeleceu o padrão dos limites da guerra em um completo e total genocídio. Nós pretendemos demonstrar que My Lai<sup>6</sup> não foi um acontecimento extraordinário, a não ser, talvez, pelo número de pessoas assassinadas em um mesmo lugar, na mesma hora e pelo nosso mesmo pelotão. Nós pretendemos mostrar que a política da Divisão Americal que inevitavelmente resultou em My Lai foram também as políticas de outro Exército e Divisões de Fuzileiros Navais. Nós pretendemos mostrar que os crimes de guerra no Vietnã não começaram em março de 1968, ou na vila de Son May, ou com o tenente William Calley<sup>7</sup>. Nós pretendemos

<sup>4</sup> Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/Ron\\_Kovic](http://en.wikipedia.org/wiki/Ron_Kovic)

<sup>5</sup> “Winter Soldier Investigation” foi um evento de mídia patrocinado pela organização Vietnam Veterans Against the War – VVAW – (Veteranos do Vietnã Contra a Guerra) em 31 de janeiro de 1971 até 02 de fevereiro de 1971. A intenção do evento era divulgar os crimes de guerra e as atrocidades cometidas pelas forças armadas dos E.U.A e seus aliados na guerra do Vietnã.

<sup>6</sup> My Lai foi um assassinato em massa que aconteceu em 16 de março de 1968 durante a guerra no sul do Vietnã. Estima-se que 347 a 504 civis desarmados foram surpreendidos pelas forças norte americanas conhecida como Companhia “Charlie” do 1º batalhão, 20º Regimento de Infantaria, 11ª Brigada da Divisão Americal. A maioria das vítimas foram mulheres, crianças (incluindo bebês) e idosos. Muitos foram estuprados, espancados e torturados, e alguns corpos foram mutilados. Fonte: “Murder in the Name of War – My Lai.” BBC. 20 de julho, 1998.

<sup>7</sup> William Calley Leis é um ex-oficial do Exército dos Estados Unidos. Ele foi considerado culpado pelo assassinato de 22 civis sul-vietnamitas desarmados no Massacre de My Lai, em 16 de março de 1968, durante a Guerra do Vietnã.

incriminar aqueles que realmente foram responsveis por May Lai, pelo Vietn, e pela tentativa de genocdio. (VIETNAM, 1972, p. 1)

Os veteranos testemunharam cenas chocantes e violentas no campo de batalha. A forma que muitos deles encontraram para confessar esses crimes de guerra foi atravs de suas narrativas. Os veteranos escrevem para no esquecerem o Vietn e aqueles que foram responsveis por ensin-los a destruir deliberadamente a vida das pessoas. Portanto, a voz literria do veterano tambm trabalha para lembr-los de que todos os crimes que aconteceram durante a guerra so tambm conseqncias das polticas e ordens dadas pelo seu prprio governo.

O ex-combatente Paul Simon no deixa os veteranos esquecerem o motivo pelo qual eles foram enviados ao Vietn: “ao longo da fronteira eles nos enviaram para matar e lutar por uma causa que eles haviam h muito tempo esquecido” (VIETNAM, 1972, p.1). Mas os veteranos no esqueceram os motivos da guerra e suas narrativas trabalham para ajud-los a manterem suas memrias vivas. O governo Americano, portanto, parece ter esquecido os veteranos e o Vietn, mas as narrativas dos veteranos tambm trabalham para justificar e explicar que eles no so os nicos responsveis pelos crimes cometidos durante a guerra. Os veteranos no comandaram ou promoveram a guerra. Durante a guerra esses jovens soldados foram usados e abusados ao mximo, at que a guerra chegasse ao fim. Para muitos desses combatentes o fim foi a prpria vida. Os veteranos escrevem para exigir justia e o fim dos julgamentos que os culpam e os acusam como nicos responsveis pelos crimes de guerra, que na verdade, so frutos da irresponsabilidade daqueles que fizeram a guerra, ou seja, o governo. Os veteranos escrevem para manter seus testemunhos vivos, e para encarar suas confisses como uma tarefa ou uma ordem que deve ser cumprida e no pode ser esquecida.

Michael Bibby, professor da Shippensburg University, explica que, “ao testemunhar os soldados procuram expiar sua prpria cumplicidade em crimes de guerra e apresentar provas desses crimes” (BIBBY, 1996, p. 151). Por isso, os veteranos no esto fugindo de suas responsabilidades em termos de assumir o que aconteceu no Vietn. Eles no querem fugir de suas obrigaes ou evitar falar dos crimes cometidos durante a guerra. Na verdade, os veteranos tm a necessidade de confessar e uma das maneiras de expressar essa confisso atravs de suas narrativas. Eles querem mostrar atravs de suas histrias a realidade vivida no campo de batalha, antes e depois da guerra. As narrativas mostram que os relatos dos veteranos tendem a ser o mais preciso possvel, uma representao do que viram e viveram durante este perodo ultrajante. Os veteranos fazem questo de salientar os crimes de guerra e confessar a verdade vivida no Vietn.

Crandell, um dos representantes da organização anti-guerra, *Vietnam Veterans Against the War* - VVAW, explica que a intenção dos soldados americanos era preservar a paz, mas o testemunho deles mostra que o que eles fizeram foi exatamente o oposto. Eles incendiaram toda a Indochina, não defenderam os vietnamitas e cometeram um verdadeiro genocídio contra os cidadãos do Vietnã. O testemunho dos veteranos mostra que eles foram lutar pela liberdade e garantir os direitos da população do sul do Vietnã, mas invés disso, eles transformaram o Vietnã em uma série de campos de concentração. A população do Vietnã foi forçada a viver debaixo de um sistema governamental corrupto e ditatorial. Os veteranos foram para o Vietnã para preservar a irmandade e a igualdade, mas seus testemunhos mostram que suas estratégias e táticas eram permeadas pelo racismo. Eles foram para proteger os E.U.A., mas acabaram vendo sua própria nação se voltar contra eles e sendo dividida em razão do que eles fizeram no Vietnã. (VIETNAM, 1972, p. 1).

Os veteranos da Guerra do Vietnã escrevem porque eles não querem que os seus testemunhos morram. Eles fazem questão de preservar seus testemunhos para mostrar ao mundo a verdade que se esconde por traz dos crimes que eles foram induzidos e treinados a cometer. O veterano Willian Calley assumiu sua participação no Massacre de May Lai, afirmando que recebeu ordens para “matar o inimigo”, entendendo assim, que deveria matar todos que não faziam parte do exército americano. Em seu depoimento pessoal, ele afirma:

Fui obrigado a ir lá e destruir o inimigo. Esse era meu trabalho naquele dia. Essa foi a missão que me foi dada. Eu não parei para pensar se o inimigo seria homens, mulheres ou crianças. Eles foram todos classificados como sendo o mesmo e essa é a classificação que nós lidávamos lá, apenas como o inimigo. Pensei e ainda creio que agi como fui direcionado. Eu executei a ordem que me foi dada e eu não me sinto mal por ter feito isso <sup>8</sup>.

Os veteranos querem que seus leitores entendam as razões que fizeram toda uma nação os desprezarem por eles não conseguirem ganhar a guerra. Uma vez que os testemunhos dos veteranos são lembrados, uma vez que suas experiências são recordadas em suas narrativas de guerra, a possibilidade de haver um acordo social entre os veteranos é maior. Então, a escrita dos veteranos é também uma maneira de mantê-los unidos para continuar lutando pelos seus direitos, por paz e por um mundo sem guerras. Grande parte dos veteranos tem a necessidade de dizer suas histórias traumáticas, quando eles escrevem suas histórias de guerra, elas reafirmam em suas mentes um forte “sentido de sobrevivência”, seus testemunhos também podem trabalhar para dar a suas narrativas

<sup>8</sup> Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/William\\_Calley](http://en.wikipedia.org/wiki/William_Calley)

um “significado eticamente pragmático no contexto de salvar o país.” (BIBBY, 1996, p. 152). Sendo assim, os relatos dos veteranos também são uma tentativa de transformar sua vergonha em mérito heroico, mesmo que eles não tenham ganhado a guerra.

Kali Tal, explica que, “um dos temas mais fortes na literatura do trauma é o desejo de dar o testemunho, carregar o conto do horror de volta ao lugar da ‘normalidade’ e testificar a verdade da experiência”. (TAL, 1996, p. 120). Aparentemente, o que permanece para o veterano escritor é justamente escrever sobre suas experiências de guerra, o que normalmente está carregada de traumas. Além disso, Tal explica que o “trauma é uma experiência transformadora e aqueles que são transformados nunca poderão retornar inteiramente a um estado de inocência anterior” (TAL, 1996, p. 119). Portanto, o trauma tem um papel importante no estudo das narrativas da guerra do Vietnã, ele é abordado frequentemente nas histórias contadas pelos veteranos e parece ser um dos maiores legados deixados por aqueles que lutaram na guerra. Essas narrativas geralmente tratam o trauma dos veteranos como se fosse uma maldição que interruptamente atormenta suas mentes<sup>9</sup>.

O sobrevivente da guerra não pode voltar à normalidade, aponta Lawrence Langer, ele não sai para a guerra em

Um estado normal para um estado bizarro e volta para um estado normal, mas sim, do normal para o bizarro e voltando para uma normalidade tão permeada pelo encontro bizarro com a atrocidade, que esse estado jamais será purificado novamente. Os dois mundos perseguem um ao outro... (LANGER, 1982, p. 88).

Quando os veteranos escrevem suas histórias de guerra, eles recordam suas experiências, objetivando dar a elas um significado que jamais existiu. Eles tentam explicar a si mesmos, o que aconteceu no Vietnã e porque eles foram responsáveis por arcar com os resultados da guerra. Eles também nunca entenderam por que as pessoas que eram contra a guerra eram também contra os veteranos. Conseqüentemente, suas narrativas mostram a desesperança que permeava os pensamentos e o discurso dos veteranos. Kovic por exemplo, afirma que “o Vietnã matou Deus” (LOMPERIS, 1987, p. 52). Portanto, pensamentos e atitudes normais da vida de Kovic já não se encaixavam em um conceito socialmente aceitável. Os cidadãos americanos constantemente taxavam os veteranos como estranhos, perigosos e assassinos, um tipo de tratamento que os veteranos tiveram que aprender como lhe dar. Os veteranos expuseram seus traumas, criaram,

<sup>9</sup> As seguintes obras trazem uma série de narrativas que ilustram o trauma interrupto e atormentador vividos pelos veteranos. São elas: *The Vietnam reader*, de Walter Capps e *“Reading the wind”: the Literature of the Vietnam war*, organizado por John Clark Pratt e Timothy Lomperis.

imaginaram e contaram suas histórias. A forma como eles se envolveram e o sacrifício feito para defender os Estados Unidos resultou em amargas consequências. Os escritores das narrativas do Vietnã usam seus relatos e esperam através de sua escrita se livrar de um pesado fardo, das frustrações, da inocência irreconciliável e dos desejos que provavelmente nunca se realizarão.

Existem muitos outros escritores veteranos da guerra do Vietnã, como Tim O' Brien e Philip Caputo, que carregam com eles muitas outras histórias sobre a guerra. Cada um dos veteranos ao voltar para a casa trouxe consigo o seu próprio Vietnã e produziram de acordo com o que eles viveram durante a guerra, suas próprias histórias. Existem veteranos que criaram seus próprios personagens para contar suas experiências de guerra, como por exemplo, Larry Heinemann, em sua obra intitulada *Paco's Story*, cuja narrativa é uma mistura dos eventos históricos da guerra, memórias traumáticas e ficção. Porém, esse processo de escrita ficcional, levantou entre os veteranos, questões que confrontam a veracidade das histórias abordadas por eles. Discussões estas, que procuraram entender, por exemplo, como diferenciar o fato da fantasia. Para David Winn, “o que é ‘real’ no Vietnã também se transforma em surreal” (LOMPERIS, 1987, p. 144). O esforço em querer lembrar faz com que os “fatos” do passado sejam selecionados em meio a muitos outros fatos, enquanto outros fatos podem não ser lembrados e podem até mesmo ser excluídos. Ao escrever seus relatos de guerra, os veteranos passam por um processo que envolve uma constante mistura de recordações de eventos. Sendo assim, eventos vividos na guerra podem ser confusos, paradoxais e contraditórios, parecendo ser impossível separar a realidade da ficção. Para Tim O' Brien, “na guerra você perde o sentido do que é definitivo, conseqüentemente, o seu senso da verdade em si, sendo assim, é seguro dizer que, em uma história verdadeira sobre a guerra nada é absolutamente verdade” (O'BRIEN, 1999, p. 88). Sejam os relatos das narrativas de guerra verdadeiros ou não, o que podemos afirmar é que as narrativas da guerra do Vietnã são “pertinazes e vivas. Mesmo durante seus anos mais escassos, elas não deixam que os veteranos esqueçam a guerra do Vietnã” (LOMPERIS, 1987, p. 44). Por isso, os veteranos escrevem não só para lembrar suas experiências de guerra, mas também para fazer com que essas experiências nunca morram, não importando se sua escrita demande o uso da imaginação para criar, por exemplo, um personagem ou uma história que de fato não aconteceu. Observando os veteranos escritores e suas narrativas, O'Brien avalia que: “é como se os escritores estivessem sendo mantidos prisioneiros pelos fatos de suas próprias experiências do Vietnã. O resultado é um fechamento da imaginação, previsibilidade e melodrama, a estreiteza do tema e uma falta de vontade de esticar as possibilidades fictícias” (LOMPERIS, 1987, p. 46). Portanto, o veterano escritor da guerra do Vietnã se transforma em um

escritor único de um período único, prisioneiro de suas próprias experiências, mas sempre pronto para reinventar a realidade e as maneiras de comunicar a experiência de guerra.

Quarenta anos já se passaram desde o fim da guerra do Vietnã. Os militares reformados que escreveram sobre suas experiências de guerra continuam a extrair lições desse período hediondo e ultrajante. O testemunho de Kovic nos mostra sua dificuldade em expressar de uma maneira mais completa o que ele experimentou no campo de batalha e em seu retorno para casa. Essa dificuldade em se expressar ao escrever sobre suas experiências ocorre principalmente porque nem todos os fatos e argumentos são precisamente iguais. Outra razão seria o fato de que o ato traumático da guerra ainda é um fardo a carregar, um castigo que muitos veteranos sentem subjugados a pagar.

Contudo, as narrativas dos veteranos do Vietnã, como o resultado de mentes traumatizadas, mostram que não existe uma regra específica para padronizar o que eles escreveram ou regular as razões pela qual eles relatam suas experiências de guerra. Cada veterano tem sua própria maneira de escrever, seu próprio motivo para expor o que eles viveram durante o período de guerra e uma maneira pessoal de dizer sua verdade a respeito do Vietnã que eles viveram. Os veteranos pertencem à era da guerra do Vietnã. Suas narrativas são o resultado de um profundo contato e envolvimento com essa guerra. A guerra do Vietnã permanece viva na mente e na alma do soldado americano que participou desse período traumático, ensinando valores reais, lições de vida e reafirmando em muitos veteranos a esperança e virtudes necessárias para continuar a sobreviver.

As narrativas dos veteranos trouxeram outro sentido para as suas vidas e um significado para suas experiências de guerra. Kovic, por exemplo, até os dias de hoje trabalha como escritor e ativista político em favor da paz. A busca por esperança se tornou constante para aqueles que acreditam que foram traídos pelos Estados Unidos e pelo governo americano. Por isso, a Literatura da Guerra do Vietnã, também fortalece os veteranos, que sofreram uma transformação dramática através de patriotas pró-guerra e dos dissidentes anti-guerra. Mesmo assim, a guerra ainda está acontecendo em suas mentes e corações e os relatos dos veteranos permanecem como um componente vital que mostra a trajetória deles entre o Vietnã e as outras guerras.

Sem um significado aparente, a guerra do Vietnã assemelha-se a um jogo de quebra cabeças, confusa e difícil de acompanhar. A maioria dos veteranos afirma que suas produções literárias são essenciais para mantê-los em sintonia com o passado. Suas narrativas trabalham como um elo que liga a era da guerra do Vietnã e as pessoas que sofreram nessa guerra. A voz literária do veterano funciona como um clamor, que se estabelece em sua mente e trabalha para honrar aqueles que perderam suas vidas no campo de batalha, bem como aqueles que sobreviveram. Ela traz de volta a

memória dos veteranos para o período vivido na guerra. Ela não deixa que eles esqueçam a triste perda dos vários jovens soldados americanos que nunca puderam regressar para suas casas. E para aqueles que vieram depois e não vivenciaram o período da guerra, a literatura da guerra do Vietnã é o legado dos veteranos para o mundo. Ela é uma tentativa de transmitir suas experiências, através dos fatos e ficções, que suas mentes constantemente traumatizadas, são capazes de suportar.

### ABSTRACT

This article analyses the autobiography account written by Ron Kovic in *Born on the Fourth of July*. It is intended to investigate how the representation of Kovic's experiences as a Vietnam War veteran is done and understand if such representation has had significant results in his life. The representation of these experiences is more focused on the hostility that goes on in postwar America than during the war in Vietnam. My attention turns to the reasons why Kovic wrote about his traumatic memories, as well as the tension that occurs in the narrative between fact and fiction. The writer soldier, the postwar and shame will be the main topics approached in this article.

**Keywords:** Vietnam War. War literature. Post-war. Memory. Trauma

### Referências

- APPY, G. Christian. **Working-class war: American combat soldiers and Vietnam**. University of North Carolina Press. 1993.
- BAL, MIEKE, JONATHAN CREWE AND LEO SPITZER. (Eds.). **Acts of memory: cultural recall in the present**. Hanover: University Press of New England, 1999.
- BARITZ, Loren. **Backfire: a history of how American culture led us into Vietnam and made us fight the way we did**. New York: W. Morrow, 1985.
- BIBBY, MICHAEL. **Hearts and minds: bodies, poetry, and resistance in the Vietnam era**. Rutgers University Press, New Brunswick, New Jersey, 1996.
- CAPPS, WALTER. **The Vietnam reader**. Routledge, New York, 1991.
- CAPUTO, PHILIP. **A rumor of war**. New York: Ballantine, 1978.
- CARUTH, CATHY. **Trauma: explorations in memory**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.
- CHAMBERS II, JOHN WHITECLAY. **The Oxford companion to american military history**. Ed. John Whiteclay Chambers II. New York: Oxford University Press, 1999.

CULLER, JONATHAN. "The Literary in Theory". Butler, Judith; John Guillory and Kendall Thomas. **What's left of theory: New Work on the politics of literary theory**. New York: Routledge, 2000.

EASTLAKE, WILLIAM. **The bamboo bed**. New York: Simon & Shuster, 1969.

ELLSBERG, DANIEL. **Papers on the war**. New York: Simon and Schuster, 1972.

FITZGERALD, FRANCES. **Fire in the lake: the vietnamese and the Americans in Vietnam**. Boston: Little, Brown & Co., 1970.

FRANKLIN, H. B. **Mythmaking in America**. Lawrence Hill, New York, 1992.

HALBWACHS, MAURICE. **On collective memorie**, Chicago University Press, 1992.

HANLEY, LYNNE. **Writing war: fiction, gender, and memory**. Amherst: University of Massachusetts Press, 1991.

HENDIN, HERBERT, AND ANN POLLINGER HAAS. **Wounds of war**. New York: Basic Books, 1984.

HEINEMANN, LARRY. **Paco's story**. Faber and Faber, London, 1989.

HERMAN, JUDITH. **Trauma and recovery**. New York: Basic Books, 1992.

HERR, MICHAEL. **Dispatches**. New York: Avon Books, 1980.

HERZOG, TOBEY C. **Vietnam war stories: innocence Lost**. Routledge, New York, NY, 1992.

KOVIC, RON. **Born on the fourth of July**. New York: Pocket Books, 1976.

LANGER, LAWRENCE. **Versions of survival: the Holocaust and the human spirit**, Albany: State University of New York Press, 1982.

LIFTON, ROBERT JAY. **Home from the war**, New York: Pocket Books, 1976.

LINDY, JACOB. **Vietnam: a casebook**. New York: Brunner/Mazel, 1988.

LOMPERIS, TIMOTHY J. **Reading the wind: the Literature of the Vietnam war**. Durham: Duke University Press, 1987.

NEIL. ARTHUR G. **National trauma and collective memory: extraordinary events in the American experience**. M.E. Sharpe, New York, 2005.

O'NAN, STEWARD. **The Vietnam reader**. New York: Anchor, 1998.

O'BRIEN, T. **The things they carried**. Mariner Books, 2009.

SCHULZINGER, ROBERT D. **A time for war:** The United States and Vietnam, 1941-1975. New York: Oxford University Press, 1997.

SLOTKIN, RICHARD. **Gunfighter nation:** the myth of the frontier in twentieth-century America. New York: Harper Perennial, 1992.

TAL, KALI. **Worlds of hurt:** reading the literature of trauma. Cambridge University Press, 1996.